

FONTE : IB

CLASS. : 1008

DATA : 18 01 90

PG. : 06

Inpe vai rastrear reserva dos ianomâmis com satélite

SÃO PAULO — Já está pronta a fase de testes do programa de rastreamento da reserva Ianomâmi feito pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (Inpe). Através de imagens de satélites, técnicos do instituto analisaram cerca de 8 mil quilômetros quadrados da reserva para levantar as áreas de garimpo, as pistas de pouso clandestinas e a situação dos rios que cortam a região.

O programa, um convênio com a Funai assinado em dezembro, deverá ser finalizado em junho. Durante o mês de janeiro, os técnicos apresentarão um levantamento de toda a reserva — 19 áreas descontínuas de cerca de 3 milhões de hectares num território de cerca de 9 milhões de hectares — com mapas detalhados. Também há o projeto de uma análise contínua da região e de rastreamento de prováveis reservas de ouro e outros minerais.

Precisão — “O grande trunfo deste trabalho é poder dar a localização exata dos garimpeiros e de suas pistas de pouso”, explica Antônio Tardin, chefe do departamento de pesquisa e aplicações da área de sensoriamento remoto do Inpe e um dos seis técnicos envolvidos no programa. “Com este levantamento em mãos, pode-se chegar ao local exato do garimpo como se utilizasse um mapa rodoviário nas estradas”. As imagens coloridas do satélite norte-americano Landsat — usado normalmente para análises da superfície terrestre, como cartografia e erosão, além de prospecção de petróleo — indicam para os técnicos que regiões da reserva estão sendo ocupadas.

As atividades de garimpo e suas consequências para o meio ambiente podem ser analisadas pelos técnicos através das cores das fotografias produzidas. Os garimpos aparecem num tom cor de rosa, contrastando com o verde da cobertura vegetal. As pistas de pouso têm o mesmo padrão de cores dos garimpos ou, quando apresentam algum tipo de grama, apare-

cem com um tom verde-claro, quase branco. Os rios aparecem num tom azul quando limpos e ficam escuros quando sujos pelos detritos e materiais químicos jogados na água durante a garimpagem. “Não se pode saber o quanto há de mercúrio nessa água, mas já se pode prever que este curso d’água apresenta o metal”, diz Tardin.

As fotos analisadas também podem informar quais os rios que, apesar de não apresentarem garimpo em suas margens, estão sendo atingidos pelos detritos da garimpagem, já que recebem água dos rios contaminados. Este tipo de análise poderá ajudar inclusive no levantamento das consequências que o garimpo realizado fora da reserva trará à área demarcada. Mesmo que os garimpeiros saiam da reserva, eles trarão prejuízos aos ianomâmis, já que a reserva se localiza dentro da bacia hidrográfica. Se o garimpo for realizado nas margens de rios que deságuam na área demarcada, certamente os detritos jogados na água irão para as terras dos ianomâmis.

O trabalho a ser entregue em junho é apenas o início de um programa de cerca de dois anos. Como o deslocamento dos garimpeiros é muito dinâmico, os técnicos do Inpe pretendem armazenar as imagens colhidas em computadores e atualizá-las de acordo com as necessidades da Funai. Sabe-se que este levantamento pode ser feito a cada 16 dias, tempo que o satélite Landsat leva para completar uma volta na Terra.

A análise das imagens, somada à utilização de radares que caracterizam o relevo da região, será utilizada por geólogos do Inpe para levantar áreas com provável ocorrência de ouro e outros minerais. Este trabalho poderá antecipar os locais para onde os garimpeiros deverão se deslocar. A divulgação ou não desta fase do trabalho ficará a cargo do Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DNPM).